

Diário de Viagem: John Kenneth Galbraith e suas impressões sobre o Brasil (1980)

Travel diary: John Kenneth Galbraith and his impression about Brazil (1980)

Fernando Mendes Coelho¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as impressões que o economista norte americano John Kenneth Galbraith teve das suas viagens para o Brasil, com ênfase nas críticas que foram feitas aos aspectos urbanos das cidades por onde passou. Para tal empreitada, foi utilizado como fonte o livro do autor intitulado *Uma Visão de Galbraith Sobre Pessoas, Políticos, Poder Militar e Artes* (1988). Nesta obra, Galbraith apresenta diários de viagens de diversos países aos quais viajou, utilizando um texto leve e irônico é possível ver o economista para além da sua visão econômica, permitindo extrair de Galbraith suas opiniões pessoais fora dos seus textos canônicos. Para o enfoque teórico e metodológico utilizaremos o enquadramento da História Intelectual, principalmente a partir de Helenice Rodrigues e Gerard LeClerc, para tecermos a discussão sobre as cidades faremos uso de David Harvey e Loic Wacquant para discutir a guetização criticada por Galbraith.

Palavras-chave: Galbraith; Brasil; cidades, História Intelectual.

Abstract: This article aims to present the impressions that the North American economist John Kenneth Galbraith of his trips to Brazil, with emphasis on the criticisms that were made to the urban aspects of the cities where he traveled. For this endeavor, the author's book entitled *A Vision by Galbraith on People, Politicians, Military Power and the Arts* (1988) was used as source. In this work, Galbraith presents travel diaries from different countries to which he traveled, using a light and ironic text, it is possible to see the economist beyond his economic vision, allowing Galbraith to extract his personal opinions outside of his canonical texts. For the theoretical and methodological approach we will use the framework of Intellectual History, mainly from Helenice Rodrigues and Gerard LeClerc, to weave the discussion about the cities we will use David Harvey and Loic Wacquant to discuss the ghettoization criticized by Galbraith.

Keywords: Galbraith; Brazil; cities, Intellectual History.

Galbraith no Brasil

John Kenneth Galbraith, um conhecido economista canadense, com longa carreira acadêmica e governamental visitou o Brasil em 1980 e publicou seu diário de viagem em uma obra chamada *Uma Visão de Galbraith Sobre Pessoas, Políticos, Poder Militar e Artes* (1988). A obra contempla conteúdo mais amplo, incluindo viagens por outros países, impressões sobre líderes políticos e personalidades como John Maynard Keynes com quem trabalhou na juventude. A visão de um intelectual da envergadura de Galbraith é relevante para pensarmos como ele observa as coisas sociais para além do fato econômico, isto é, qual foi a percepção de Galbraith na sua visita ao Brasil. Sabemos que como um dos maiores economistas do período, inevitavelmente ele foi inquirido nas suas entrevistas a respeito dos problemas brasileiros, principalmente em relação à inflação. No entanto, queremos perceber neste artigo como se deu o olhar de Galbraith sobre as

¹ Doutorando em História, Universidade Federal do Paraná.

Revista Vernáculo n.º 48 – segundo semestre/2021

cidades em que esteve, principalmente as críticas que realizou aos problemas da urbanização e do desenvolvimento brasileiro pautado nas desigualdades sociais. É necessário perceber a defesa do Estado de bem-estar social nas críticas de Galbraith, pois na medida em que ele observa as cidades e aponta os problemas sociais e a guetização ele olha para o governo como solução para estes problemas. Uma crítica necessária tecida por alguém que defende um modelo social de intervenção estatal, por isto que Galbraith foi duramente criticado por economistas da vertente neoliberal, como Friedrich August Von Hayek, que também esteve no Brasil no mesmo período e passaram batidas as críticas sociais. Enquanto Hayek esteve preocupado com a reabertura voltada para o liberalismo e no diálogo exclusivo com empresários, Galbraith esteve mais voltado em sua visita para assuntos acadêmicos e diálogos tanto com empresários quanto com governantes. A visão da interação entre governo e iniciativa privada é uma das preocupações teóricas de Galbraith, as quais são percebidas em seus escritos e nas suas interações durante a viagem.

Iremos recorrer ao referencial teórico da História Intelectual para discutir o papel de Galbraith como um intelectual ativo que em suas visitas olhou as cidades para além das dimensões econômicas, permitindo o olhar do Galbraith cidadão, consciente dos problemas que assolavam o país que estava visitando, sem construir uma visão romântica e rasa do desenvolvimento brasileiro.

Pensando Galbraith através da Metodologia da História Intelectual

A História Intelectual é um ramo relativamente novo das ciências humanas, ganhando notoriedade principalmente a partir de meados dos anos 1980, quando uma nova tendência dentro da história passa a ocorrer. Nas décadas anteriores era forte a presença do intelectual engajado, mas com o enfraquecimento gradativo do comunismo e consequentemente com a proximidade do final da guerra fria. De acordo com Helenice Rodrigues da Silva (2002, p.40) a figura deste intelectual também passa a perder força, dando aos poucos lugar para uma nova figura intelectual: o especialista. Devido ao citado enfraquecimento do intelectual engajado, uma crise neste ramo de estudos se instaurou, sobretudo na França aonde se tinha uma presença muito forte desta linha de pensadores, dentre eles Sartre, o qual foi um grande crítico das ações da França sobre suas colônias Africanas, movendo através de suas críticas toda uma opinião pública contrária a presença francesa nas suas até então colônias. Ou seja, se não existir grandes dilemas políticos, ou instabilidades na sociedade, a figura do intelectual ideólogo passa a perder a sua função, ainda mais com a presença da escola dos Annales, que priorizava o estudo dos ambientes macros, deixando a valorização do indivíduo de lado.

No entanto, alguns historiadores italianos do final dos anos 1970 contrapuseram esta tendência dos Annales, e criaram o que foi chamado de micro-história, trazendo com ela a revalorização do Indivíduo, alterando as escalas de análise dentro da metodologia histórica. Um destes autores foi Carlo Ginzburg e

posteriormente estes trabalhos ganham notoriedade na França, com Alan Corbin, fazendo desta forma com que a interesse pelas biografias e pelo intelectual retornasse, havendo uma revalorização da história política.

A metodologia histórica para análise biográfica mudou ao longo do desenvolvimento epistemológico da ciência, sobretudo com o surgimento da Nova História Cultural, principalmente após os anos 1980, nos quais os manejos com as fontes ganharam uma nova amplitude e possibilidades teóricas, temos então o que François Dosse chamou de “o retorno do biográfico”.

A biografia, durante muito tempo, se limitou a transcrever o percurso de homens ilustres, deixando de lado o homem comum, tributário das decisões dos poderosos. A crítica desse privilégio concedido aos estratos superiores da sociedade gerou uma historiografia que reorientou seu olhar para as massas e as lógicas coletivas (DOSSE, 2015, p. 297)

O retorno da análise biográfica permitiu um crescimento das possibilidades de análise da História Intelectual e dos Intelectuais, abrindo margem para análises de diários de viagens, contos, entrevistas, poemas, enfim, diversas formas de manifestação do foro interior dos intelectuais. Junto com a análise biográfica temos a emergência dos estudos da micro-história italiana.

Duas coisas cabem ser evidenciadas dentro do surgimento da História Intelectual. A primeira refere-se ao seu surgimento como ramo da micro-história, pois sem uma valorização dos fragmentos não é viável ou reconhecido os estudos de um único indivíduo. Assim, este rompimento com os estudos dos grandes acontecimentos foi decisivo para o reconhecimento da História Intelectual, principalmente ao longo dos anos 1990.

Em relação aos limites que compreendem a História Intelectual, podemos dizer que ela é interdisciplinar, fazem parte dela elementos sociológicos, filosóficos, sociais e econômicos, sendo evidente a necessidade de considerar que o pensamento intelectual é resultado de inter-relações de diversas variáveis, nunca um indivíduo emerge intelectualmente com a influência de um único fator, e sim através de uma síntese de todo o ambiente e contexto no qual ele está inserido. Sobre está constatação, Helenice Rodrigues (2002, p.12) diz que *A História Intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual com base nos espaços socioprofissionais e nos contextos históricos.*

François Dosse, na obra intitulada *La marcha de las ideas*, propõe uma pergunta: O que é um intelectual? O autor responde elencando categorias complexas, todavia, recorre a uma definição de Louis Bodin:

El intelectual es una construcción, nada más y nada menos. En términos colectivos, esta construcción se inscribe en una historia social y cultural; en términos individuales, también es tributaria de la mirada que cada uno dirige sobre sí mismo, por El mismo o a través de la mirada de los otros. La apreciación subjetiva cuenta tanto aquí como la determinación objetiva en la evaluación de los criterios de pertenencia. (DOSSE, 2007, p.29).

Revista Vernáculo n.º 48 – segundo semestre/2021

ISSN 2317-4021

O intelectual dentro da perspectiva adotada por Dosse é uma construção subjetiva. Delimita o espaço de construção deste intelectual em termos coletivos e em termos individuais. No grande campo historiográfico, que remete ao entroncamento entre a História Social e Cultura a figura do intelectual se constitui coletivamente. No campo individual o intelectual necessita ser reconhecido, e seus posicionamentos precisam ser levados em conta subjetivamente pela sociedade de pensamento que ele representa. Por exemplo, no caso deste artigo, as opiniões de Galbraith sobre as cidades que ele visitou de nada valeriam se o economista não tivesse consolidado um *status* de importante intelectual, não apenas pelas suas obras, mas também pela sua contribuição e reconhecimento. Esta imagem de Galbraith foi construída no âmbito individual e subjetivo, pois existe uma expectativa em suas visitas pelas pessoas que o reconhecem como intelectual a respeito do que ele tem a dizer.

Jean François Sirinelli no capítulo *Os Intelectuais*, na obra organizada por René Remond chamada *Por uma história política* trata do campo historiográfico da História intelectual e dos intelectuais, trazendo importantes contribuições. Sirinelli comenta o período em que o olhar sobre os intelectuais ficou adormecido, para posteriormente ganhar crédito por parte dos historiadores por volta dos anos 1970. Estes intelectuais exerciam grande influência políticas e no espaço urbano, e suas características moviam grandes massas. O autor cita o caso francês no período de descolonização da Argélia, no qual os intelectuais foram decisivos no sentido de influenciar a opinião pública a respeito das ações francesas em território argelino. Estas características fizeram com que o estudo dos intelectuais ganhasse um espaço autônomo: *A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das Histórias política, social e cultural* (SIRINELLI, 2003, p.232).

Após a breve contextualização sobre o campo da História Intelectual e seu impacto recente na historiografia, cabe apresentar John Kenneth Galbraith, para na sequência interpretá-lo através dos parâmetros teórico-metodológicos da História Intelectual.

John Kenneth Galbraith (1908-2006) foi um economista canadense de grande influência para o pensamento econômico e político do século XX. Desenvolveu um importante arcabouço teórico demonstrando a forma com que os monopólios se formavam nas sociedades industriais, tratando também das funções públicas dos governos para com a administração econômica e social. Galbraith não foi apenas um economista que se prendeu à atividade meramente acadêmica. Transpondo as paredes das universidades, poucos como ele desempenharam atividades práticas, pois muitos teóricos das ciências econômicas jamais atuaram diretamente na sociedade, no sentido de aplicar suas teorias e não se restringir apenas a modelos abstratos que procuram explicar a realidade no conforto de seus gabinetes. Além disso, influenciou diretamente como conselheiro, as ações de alguns governos Norte Americanos, prova disso é que assumiu

diversas funções durante administrações do Partido Democrata dos EUA, desde diretor da administração de preços durante a Segunda Guerra Mundial até conselheiro de diversos presidentes democratas desde Kennedy até Bill Clinton.

Além do contato direto com diversos presidentes americanos, conheceu outros líderes como Winston Churchill e Charles de Gaulle, e importantes economistas como John Maynard Keynes, o qual lhe serviu como inspiração teórica. O pensamento de Galbraith e sua base keynesiana são definidos por Suplicy da seguinte maneira:

Embora tenha sido, de certa maneira, um seguidor e discípulo de Keynes, Galbraith foi muito, além disso: ele deu uma contribuição própria e profunda a diversos ramos da economia. Era um intelectual criativo, capaz de abordar com riqueza e originalidade uma gama impressionante de temas econômicos, sociais e políticos. A sua vasta obra é testemunho dessa imensa capacidade de trabalho e criação. (SUPLICY, 2006, p.3).

Nesta citação cabe um destaque para quando Suplicy define Galbraith como um intelectual criativo, comentando sua capacidade para abordar uma série de questões sociais. É por meio destas considerações que notamos que o pensamento de Galbraith se ajusta nas análises que a História Intelectual se ocupa. Prova disto é que podemos encaixá-lo na maioria das categorias metodológicas elencadas pelos teóricos da História Intelectual.

Dentro do cenário em que Gerard LeClerc (2004, p.11-12) situa o intelectual e sua obra, podemos perceber que Galbraith está estabelecido no centro da sociedade americana, estando intimamente ligado com o poder político e econômico, prova disto é que suas obras têm como foco principal estas relações de poderes entre as classes dominantes industriais e suas interrelações com o poder governamental.

Quando LeClerc (2004, p.12) fala da cisão entre os grandes nomes e os anônimos, pode ser estabelecida uma relação direta com a representação de Galbraith, pois segundo LeClerc:

O domínio constituído pelos intelectuais é talvez a única especialização sociológica (juntamente com a das elites econômicas e políticas) em que lidamos não com grupos anônimos, com grandes populações que se prestam ao cálculo estatístico (mais do que à análise biográfica individual), mas a pequenos grupos de indivíduos bem identificados, pertencentes à vida pública, aqueles chamados de personalidades.

Galbraith pode ser visualizado dentro desta categoria sociológica, já que foi uma das grandes personalidades políticas dos EUA por praticamente todo o século XX, se fazendo presente de forma incisiva no pensamento das elites políticas daquele período.

O terceiro apontamento de LECLERC que diz sobre A abundância dos intelectuais sobre si mesmos, também é evidenciado em Galbraith, pois ao longo de sua vida o mesmo fez muitas viagens a diversos países do mundo como acadêmico, foi embaixador americano na Índia, falou muitas vezes em

nome do governo dos Estados Unidos em uma infinidade de pronunciamentos. Produziu muitas coisas que ultrapassaram dos limites da ciência econômica, sendo possível citar inclusive a publicação de diários de viagens demonstrando sua visão pessoal sobre diversos lugares, personalidades e governantes, além disso, participou e ajudou a produzir programas e séries para a televisão, como foi o caso de *A Era da Incerteza*, que virou uma série em treze capítulos produzida em 1978 pela BBC de Londres.

Todo este vasto material produzido cria uma grande possibilidade de estudar o pensamento de Galbraith num campo que vai além das suas obras canônicas e do seu contexto histórico-espacial mais imediato, tornado possível traçar o perfil deste intelectual, ou seja, saber suas impressões sobre diversos assuntos e verificar como ele esteve inserido em diversos momentos da recente história da sociedade ocidental.

Em relação a sua vasta obra, podemos dar destaque para as suas três principais: *A Sociedade Afluente*; *O Novo Estado Industrial*; e *Economia & o Objetivo Público*, obras nas quais ele faz um apurado estudo a respeito das principais estruturas econômicas da sociedade. No primeiro livro é feita uma análise do desenvolvimento desigual entre a economia pública e privada, no segundo é feito um enfoque no mundo das grandes corporações e no terceiro Galbraith compõe um modelo da sociedade econômica por completo, agregando todos os seus conceitos construídos nas obras anteriores.

Neste artigo será utilizada a obra autobiográfica de Galbraith chamada *Uma Visão de Galbraith Sobre Pessoas, Políticos, Poder Militar e Artes* (1988). Esta obra é de grande valia, pois abrange uma grande coletânea de textos escritos por Galbraith ao longo de boa parte de sua vida, incluindo diários de viagens a países como o Brasil (1980), Argentina (1986), Rússia (1984), Índia (1974), entre outros. Ler Galbraith fora das suas obras canônicas é um interessante exercício, pois conseguimos enxergar outras faces deste intelectual. Os diários de viagens são bem fluidos, em que Galbraith expressa suas opiniões de forma livre e sem o rebuscamento das ciências econômicas, em que o autor utiliza de diversos elementos narrativos que não estão presentes nas suas outras obras, como a ironia, o bom humor, as críticas à cidade e percepções da vida cotidiana que não seria possível de captar em outras obras de Galbraith.

Sobre a utilização de diários na historiografia, bem como para delimitar metodologicamente a forma de utilizá-los, Maria Teresa Cunha, no capítulo chamado *Territórios abertos para a História*, no livro *O Historiador e suas fontes*, tece importantes contribuições de como utilizá-los. A historiadora lança uma pergunta: O que buscamos nós, historiadores, nos diários pessoais? A resposta é ampla, mas serve como um norte para que sigamos nas nossas interpretações no manejo com as fontes na forma de diário:

Várias possibilidades de utilização dessa fonte se abrem aos pesquisadores. Como integrantes de uma cultura letrada, esses materiais nos permitem estudar as formas de linguagem utilizadas, as maneiras de narrar uma determinada época, os usos e apropriações da língua, a conversão de formas orais de comunicação em formas escriturais, os diferentes níveis de alfabetização expressos pelas caligrafias e tantos outros aspectos transcendem o

exato momento de sua produção e revelam as transformações históricas nas tecnologias de escrita que tanto interessam os estudiosos ligados à História da Cultura Escrita. (CUNHA, 2017, p.259).

Na direção da utilização dos diários de viagens, as contribuições de Maria Teresa Cunha nos ajudam a identificar o que queremos quando abordamos este tipo de fonte. No caso deste artigo, estamos buscando as impressões de Galbraith sobre as grandes cidades brasileiras. É interessante também destacar que o conceito de cidade pode apresentar múltiplas interpretações e direcionamentos. Não cabe neste artigo desenvolvemos teoricamente e metodologicamente todo um arcabouço para tratar do tema das cidades, mas cabe, assim abordamos a utilização dos diários na historiografia, tentar aproximar o objeto de uma interpretação do que é uma grande cidade. Considerando que tratamos com impressões a respeito das cidades, presentes no diário, temos as duas dimensões, o diário e as cidades visitadas. Para tentar fazer uma breve conceitualização da questão da cidade, usaremos como aporte teórico o verbete *cidade*, escrito por Raymond Williams na obra *Palavras-chave*. De acordo com o autor:

A ênfase moderna pode ser rastreada na palavra, na crescente abstração de cidade como um termo relativo a lugares ou formas administrativas específicas, e na crescente generalização das descrições da vida urbana moderna em grande escala. Assim, a cidade moderna com milhões de habitantes distingue-se, via de regra, ainda que indefinidamente, de diversas espécies de cidade – cf. *cidade universitária*, *cidade sede*, *cidade provinciana* – características de períodos e de tipos de assentamentos mais antigos. Ao mesmo tempo, a cidade moderna subdividiu-se, como no uso contemporâneo cada vez mais frequente de centro da cidade, termo que se tornou necessário por causa da mudança de *status de subúrbio*. (WILLIAMS, 2007, p.77).

A passagem de Raymond Williams ajuda no sentido de que estamos tratando de grandes cidades, as quais possuem características específicas, como a formação de subúrbios e guetos, diferente das outras características da formação das cidades que não correspondem a grandes metrópoles com milhões de habitantes como as que Galbraith Visitou. Diante de tais elementos, tanto na metodologia de abordagem e do objeto da História Intelectual, como com o aporte das discussões a respeito dos diários e da interpretação das cidades, é possível passar para o próximo tópico deste artigo, que trata justamente da análise da fonte histórica.

O Brasil através do olhar de Galbraith

John Kenneth Galbraith chegou ao Brasil no dia 17 de agosto de 1980, desembarcando na cidade do Rio de Janeiro. Lá permaneceu até o dia 22 de agosto fazendo palestras e conferências com empresários e lideranças políticas. No dia 22 de agosto foi para São Paulo, permanecendo por dois dias, também

proferindo palestras e participando de encontros. Após viajou para Brasília no dia 24 de agosto, permanecendo até o dia 29. Posteriormente viajou para Belo Horizonte permanecendo até dia 31 de agosto, na passagem por Belo Horizonte também esteve em Ouro Preto à passeio. Por fim, sua última parada no Brasil foi Salvador no dia 01 de setembro, após retornou para Nova York. Nas viagens, junto com os compromissos acadêmicos e sociais, Galbraith realizou visitas a pontos turísticos, como as igrejas barrocas em Belo Horizonte e Ouro Preto, se impressionou com a imponência de Brasília, se admirou com a modernização do Rio de Janeiro, e com o desenvolvimento de São Paulo. Porém, como um economista crítico ao modelo liberal e preocupado com as relações institucionais entre as esferas públicas e privadas, não escaparam aos olhares de Galbraith críticas ao Brasil. Cabe lembrar que o neoliberalismo era a filosofia econômica que ganhava espaço no mundo, tanto que os Estados Unidos elegeram Ronald Reagan para governar em 1980, e na Grã-Bretanha já estava veemente as reformas econômicas de Margareth Thatcher. Para um democrata como John Kenneth Galbraith, com uma visão voltada para o *Welfare State*, o momento não era ideologicamente favorável, com os ventos soprando no sentido oposto a favor de políticas econômicas e sociais conservadoras e liberais. O contexto que o mundo enfrentava provavelmente também tenha influenciado a forma com que Galbraith construía suas críticas e aguçava suas sensibilidades.

Através das cidades em que visitou, compreendendo cinco Estado diferentes da Federação, o economista não perdeu a oportunidade de apontar os problemas que cada uma enfrentava. Perspicaz Galbraith tece comentários a respeito dos contrastes dos países desenvolvidos comparando com o Brasil para apontar as deficiências urbanas de cada cidade visitada. Galbraith faz um exercício comparativo de tentar aproximar algumas cidades brasileiras com cidades norte americanas, segundo ele o Rio de Janeiro lembrava Nova York, São Paulo assemelhando-se a uma perpétua Manhattan e Belo Horizonte com aspectos de São Francisco.

Galbraith lembra que fazia 22 anos que não visitava o Brasil, e estava ansioso pelas impressões que teria do país ao longo deste tempo:

Depois de vinte e dois anos minha esposa e eu estamos visitando novamente o Brasil. Inevitavelmente, eu fui convidado a proferir algumas palestras; mas como todos gostam de informar um conferencista de seus propósitos, esta não é uma má maneira de aprender algo sobre uma comunidade. Eu tinha como regra pessoal nunca visitar países onde governos militares estão no poder, mas os generais brasileiros permitiram recentemente uma abertura para a democracia de modo que, como tantas vezes acontece, eu posso organizar meus princípios conforme necessário.

Há também a circunstância de meus livros serem vendidos em certa quantidade no Brasil, e para onde vão os livros segue com certeza o seu autor. (GALBRAITH, 1988, p. 217).

Galbraith é um crítico aos governos militares, não tolera regimes autoritários, o que seria um empecilho para visitar o Brasil. Porém, em meados dos anos 1980, já com a abertura política do governo brasileiro, bem como com a anistia de intelectuais, artistas e militantes, o economista abriu uma exceção

considerando o momento político de início de diálogo com os valores democráticos. Galbraith também lembra que as viagens são uma boa maneira de aprender sobre as comunidades as quais está se visitando, além do Brasil ser um país onde seus livros são bem vendidos, logo, espera-se que haja interesse em perguntas sobre as ideias do autor. Coisa que de antemão, já adianto, foi pouco explorado nas perguntas feitas a ele nas palestras, cabendo grande parte das perguntas endereçadas ao problema da inflação que o Brasil passava no período.

Quando chega ao Rio de Janeiro o que chamou atenção foi a beleza da cidade, contrastando com muitos veículos Fusca da Volkswagen:

O Rio, quando finalmente chegamos lá, estava coberto de neblina, fumaça e partículas de várias matérias, e infestado de besouros Volkswagen. Quando despontou ao sol, a cidade me pareceu tão linda quanto a minha memória dela, embora os besouros permanecessem. [...] Os automóveis, ainda que implacavelmente numerosos, são muito menores que em Nova York e o seu combustível várias vezes mais caro. (GALBRAITH, 1988, p. 217-218).

Surge a comparação com Nova York, que possuía muito mais veículos, mas lembra que no Brasil o valor do combustível era muito mais caro. Imagino que a imagem que Galbraith possui é de uma infinidade de cores dos automóveis, características do período. O economista faz questão de exaltar as belezas da cidade, mas já aponta um problema urbano, que é o excesso de automóveis e o valor elevado do combustível. A comparação com Nova York ocorre neste sentido, pois, o Rio possuía menos carros, mesmo assim o preço da gasolina estava mais elevado. A explicação para o preço elevado é primeiro a inflação que assolava o país e segundo os elevados impostos sobre os produtos industrializados e demais taxas, que encarecem o produto, fazendo com que o preço do combustível brasileiro ficasse maior que o combustível nova yorkino.

As críticas ao Rio vão além do preço da gasolina e da invasão de “besouros Volkswagen”:

Vinte e dois anos atrás o Rio dava a impressão de uma cidade que havia crescido além das suas possibilidades. O fornecimento de água era imprevisível; as ruas eram mais imundas que as de Nova York; era mais rápido, no geral, ir andando do que telefonar. Tudo parece infinitamente melhor agora; esta manhã havia uma força uniformizada nas praias; catando tocos de cigarros. À noite eu voltei ao hotel com o prefeito, um engenheiro formado em Berkeley que me pareceu uma pessoa tremendamente jovem. Ele concordou que as coisas melhoraram, mas estava basicamente preocupado com o que restava por ser feito. (os morros que circundam o Rio, bem como os de outras cidades brasileiras, ainda estão repletos de favelas, barracos miseráveis que refletem a arquitetura extremamente informal de seus habitantes e onde os serviços públicos, tais como pavimentação, água encanada, eletricidade e escolas, parecem estar completamente ausentes). (GALBRAITH, 1988, p. 218).

O trecho inicia-se com Galbraith elogiando a melhoria da infraestrutura do Rio de Janeiro, quando esteve na cidade em 1958 havia tido uma má impressão, principalmente em relação à distribuição de água, serviços telefônicos e limpeza urbana. De acordo com sua visão tudo havia melhorado muito 22 anos após.

Relata uma conversa com Júlio Coutinho, então prefeito do Rio de Janeiro, em que existem muitas áreas de favelas com construções miseráveis em que os serviços públicos estão longe de chegar. Este contraste encontrado da cidade do Rio de Janeiro por Galbraith é o retrato da desigualdade que assolava não só o Rio de Janeiro, mas todo o Brasil do início dos anos 1980. Por mais que o governo militar através de suas campanhas ufanistas estivessem exaltando o desenvolvimento brasileiro, pautados no crescimento do PIB desde o Milagre econômico do final dos anos 1960 e primeira metade dos 1970, as grandes cidades não conseguiam esconder as disparidades de renda e os problemas urbanos comuns dos países periféricos. Por mais que Júlio Coutinho em conversa com Galbraith não tivesse falado sobre os problemas das habitações irregulares do Rio de Janeiro, estes detalhes não teriam escapado do olhar preciso do economista, que já muito viajado, inclusive passando por diversos países semelhantes em desenvolvimento como o Brasil, com longa estadia na Índia na época em que era embaixador americano no país entre 1961 e 1963, sabia bem dos problemas estruturais das economias capitalistas periféricas.

Galbraith não cita em seu diário, mas acompanhado com a favelização e a deficiência dos serviços públicos de alcançar as áreas periféricas aumentam os índices de violência urbana, diretamente correlacionados com a guetização. Sobre tal problemática, a obra de Loic Wacquant é uma alternativa elucidativa:

Em primeiro lugar, por um conjunto de razões ligadas à sua história e sua posição subordinada na estrutura das relações econômicas internacionais (estrutura de dominação que mascara a categoria falsamente ecumênica de "globalização"), e a despeito do enriquecimento coletivo das décadas de industrialização, a sociedade brasileira continua caracterizada pelas disparidades sociais vertiginosas e pela pobreza de massa que, ao se combinarem, alimentam o crescimento inexorável da violência criminal, transformada em principal flagelo das grandes cidades. (WACQUANT, 1999, p.4-5).

A segunda cidade que visitou foi São Paulo, cidade que já esteve na sua visita anterior ao país em 1958:

Da última vez que estivemos aqui, São Paulo se parecia com Los Angeles. Agora assemelha-se a uma perpétua Manhattan, embora os arranha-céus não sejam tão densamente compactos; aqui eles parecem erguer-se aleatoriamente por sobre a paisagem urbana, dando a aparência de canteiro cultivado de espargos. Todos os prédios são essencialmente iguais – um bloco retangular com fileiras contínuas de janelas nas duas faces mais largas e paredes nuas nas outras. Numa mal sucedida tentativa de diferenciar, os caixilhos e as venezianas das janelas são pintadas de cores diferentes. (GALBRAITH, 1988, p. 220).

Galbraith tece críticas a paisagem urbana de São Paulo, ironicamente comparando os prédios, todos com o mesmo aspecto a canteiros de espargos. A aparência da cidade lembraria Manhattan, porém menos compacta. Sobre este aspecto Galbraith ao citar os prédios padronizados, está fazendo uma crítica ao tipo de arquitetura moderna, em que o economista parece projetar uma preferência pelo tipo de arquitetura pós-

moderna, heterogênea e descentralizada. Sobre estes aspectos David Harvey, ao abordar o tema da cidade discorre sobre os tipos de arquitetura:

No campo da arquitetura e do projeto urbano, considero o pós-modernismo no sentido amplo como uma ruptura com a ideia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, até que no logicamente racionais e eficientes, sustentados por uma arquitetura absolutamente despojada (as superfícies “funcionalistas” austeras do modernismo de “estilo Internacional”) (HARVEY, 2016, p. 69).

O tipo de arquitetura que Galbraith encontrou em São Paulo segue o padrão homogêneo, típico do planejamento e desenvolvimento dos planos urbanos, adiante, Galbraith encontrará modelo parecido, porém, ainda mais homogêneo ao visitar Brasília.

Em 1980 São Paulo já assumia o papel de grande centro urbano do Brasil, recebendo grande quantidade de imigrantes de outras localidades, principalmente do Nordeste, sendo responsável pelo crescimento tanto dos prédios, quanto das favelas de São Paulo. A relação era a seguinte: os imigrantes chegavam na cidade procurando emprego, normalmente eram absorvidos pela construção civil, em larga escala estes imigrantes construíam os prédios citados por Galbraith, mas moravam em áreas periféricas, sendo responsáveis pela ocupação irregular da cidade de São Paulo, assim como acontecia no Rio de Janeiro. Não utilizamos as demais citações a respeito da passagem de Galbraith por São Paulo, pois se assemelham muito às críticas feitas ao Rio de Janeiro, explodindo aos olhos dos visitantes os contrastes entre as regiões ricas de São Paulo e as periferias urbanas. Um olhar cuidadoso como o de Galbraith percebe que a administração pública não consegue gerir de maneira eficiente a exponencial ocupação das grandes cidades, oriunda tanto de pessoas vindo do campo como de regiões pobres do Brasil. Um problema conjuntural em que o Estado deveria ter mais desenvoltura para conciliar o desenvolvimento das cidades que inchavam de forma desordenada.

A terceira cidade que Galbraith visitou foi Brasília, e em contraste com Rio de Janeiro e São Paulo, o economista estava em uma cidade planejada e relativamente nova. Entretanto, todo o planejamento de Brasília não passou desapercebida pelas críticas do viajante:

São Paulo é imensuravelmente grande, mas mantém ainda uma relação com todas as outras cidades. Já Brasília é preciso ver para acreditar, e mesmo assim é difícil compreender. Quilometro quadrado após quilometro quadrado de blocos de apartamentos retangulares de seis andares em meio a enormes espaços de terra avermelhada, tudo feito para a grandeza dos políticos e burocratas que lá vivem. (GALBRAITH, 1988, p. 222).

Galbraith inicialmente nota dois aspectos de Brasília. Assim como São Paulo a cidade apresenta edifícios padronizados e o segundo aspecto seria a grandeza da cidade, grandeza esta segundo colocado pelo

economista, responde a uma necessidade de ego dos burocratas e políticos que lá vivem. O tom sarcástico com que Galbraith cita os políticos brasileiros evidencia a forma crítica com que observa os burocratas e políticos dos países periféricos. Desta forma, coloca em evidência também questões pessoais em que para ele existe pouca boa vontade dos políticos para resolver os problemas do país, em que as necessidades dos grupos mais vulneráveis são deixadas em segundo plano para satisfazer necessidades pessoais de grupos hegemônicos que estes políticos e burocratas representam. Brasília, para Galbraith é um exemplo de exagero, em que representa uma elite política e econômica que se distancia dos verdadeiros problemas que o Brasil enfrentava se refugiando em uma cidade planejada e pomposa que não correspondia a realidade da grande maioria das cidades do Brasil². No entanto, apesar da crítica social à Brasília, Galbraith reconhece a grandeza de sua realização:

E a cidade inteira, incluindo uma série de outros lagos, foi construída nos últimos vinte e cinco anos. Cerca de um milhão de pessoas, todas funcionários do governo e das instituições de serviços de apoio, agora habitam o que na década de 1950 era não mais que uma extensão excepcionalmente infértil de terras semidesérticas. Não pode haver dúvida: Brasília, independente de qual ângulo ela for vista, é uma das realizações prodigiosas do século. No apogeu da sua construção, mais de 100.000 homens trabalhavam nela. (GALBRAITH, 1988, p. 223).

Brasília causou admiração em Galbraith, mas o visitante fez questão de lembrar que mais de 100.000 homens trabalharam nela. Pessoas que vieram de vários lugares do Brasil, conhecidos como cangangos, muitos acabaram morrendo durante a construção de Brasília. Por mais que a cidade que Galbraith visitou fosse nova e organizada, sem muitas periferias na época, escondia as desigualdades na sua construção. Trabalhadores pobres que levantaram quadras de prédios e monumentos aos poderes nacionais não usufruíram da cidade que construíram, os que não morreram durante a construção, após finalizada Brasília tiveram que se mudar para cidades satélites. Galbraith sabia que a empreitada federal para a construção da capital era uma tentativa de desenvolver uma região árida e pouco produtiva, porém, ele também sabia que em um país como o Brasil despender grande quantidade de recursos públicos para idealizar uma cidade para ser ocupada pela elite política nacional é uma extravagância que foi paga com o suor de muitos brasileiros para satisfazer a pompa e o conforto de homens que muitas vezes não olham para a população, mas sim para seus interesses ou dos grupos que os mantêm no poder.

² A elegância e simetria do Domicílio político são importantes pelo prazer que transmitem. Isso é importante também porque, no Domicílio político, juntamente com a cidade mercantil, nos vem a imagem que ainda mantemos de como deve ser a cidade. Daí também procede uma importante convenção da arquitetura e do planejamento urbano modernos. É a convicção de que o governo tem uma exigência especial de magnificência arquitetônica e urbana (GALBRAITH, 1984, p. 312).

A quarta cidade que Galbraith visitou foi Belo Horizonte, entre palestras e conferências visitou a turismo a cidade de Ouro Preto, lá ele percebeu durante a viagem entre Belo Horizonte e Ouro Preto a depredação à paisagem natural que causaram ano de mineração na região:

No final da tarde fomos de automóvel até Ouro Preto atravessando paisagens de nenhuma beleza em especial e em alguns lugares tremendamente brutalizados pela mineração a céu aberto. Longe das minas o solo, de um vermelho profundo por causa do ferro, permanece inculto e exposto à beira das estradas. Somente os montes distantes e azulados possuem alguma beleza nesta terra. (GALBRAITH, 1988, p. 226).

A impressão negativa causada pelo cenário brutalizado pela mineração foi compensada nas visitas às igrejas barrocas, as quais Galbraith classificou como de grande beleza, apontando algumas como extravagantes e de mau gosto, mas no geral elogiou a arte barroca em Ouro Preto, mas o que realmente impressionou o economista foi um passeio realizado dentro de uma mina de ouro:

Visitamos uma mina de ouro, uma das poucas ainda em funcionamento na região e que obtém, pelo que posso julgar, a maior parte das suas receitas do turismo e não do minério. [...] No passado, dois mil homens labutavam nestes corredores; hoje são apenas doze. Há algumas centenas de acres de espaço abaixo da terra; as galerias são construídas numa espécie de estilo gótico elementar, e são não apenas impressionantes com também bastante belas. As paredes reluzem com fulgor as lâmpadas elétricas, embora não com ouro. (GALBRAITH, 1988, p.227).

Todas as observações de Galbraith sobre os lugares que passa remete ao trabalho colocado naquele lugar. Foi assim com Brasília, ao lembrar das pessoas que construíram a cidade e foi assim também ao relembrar o trabalho pesado dos homens dentro das minas de ouro em Ouro Preto. Lembra que no passado mais de dois mil homens trabalharam na mina em que na data em que ele visitou se reduziram para doze, sendo que as receitas da cidade após o esgotamento do ouro ficaram só a cargo do turismo para relembrar os áureos anos de exploração do minério. A exploração de matérias primas é uma característica dos países periféricos, a ideia da depredação do meio ambiente para extrair riquezas e enviá-las aos países colonizadores foram a marca de cidades como Ouro Preto, pouca gente enriqueceu com a exploração das minas, boa parte era remetida para o Estado na forma de impostos. Galbraith não cita, mas o ambiente da mina, abafado, apertado e altamente tóxico levou muita gente a adoecer e morrer durante a extração do mineral. As cidades transparecem a beleza dos seus tempos de riqueza, mas escondem o preço do trabalho pago por quem construiu as cidades no seu tempo de pujança. A exploração de trabalhadores e escravos não aparecem nos muros e palacetes, mas de alguma forma eles estão lá, latentes e pedindo para serem lembrados. Galbraith percebe essas nuances, pois como convededor e crítico da história, sabe que existe nos bastidores tensões entre grupos econômicos e exploração da mão de obra para satisfazer o luxo das elites.

A última parada de Galbraith foi em Salvador, uma breve parada de um dia para uma palestra e uma fala com empresários locais. A parte mais interessante do diário é quando o economista fala que teve uma interessante conversa com o governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães:

Ontem à noite tive uma conversa interessante com o governador da Bahia a respeito das consequências sociais do açúcar, que é o mais antidemocrático dos produtos agrícolas: com ele há alguns poucos senhores ricos e uma multidão de trabalhadores plantando e colhendo a cana por salários irrigários ou miseráveis. Em todos os lugares em que a cana foi cultivada, com a possível exceção do Havaí, deixou atrás de si um legado de pobreza e descontentamento social. (GALBRAITH, 1988, p. 229).

Assim como no caso de Brasília e Ouro Preto, Galbraith aponta as desigualdades latentes da produção de açúcar na Bahia, desde os tempos coloniais. Galbraith diz que o açúcar é o mais antidemocrático dos produtos agrícolas, uma declaração forte considerando que boa parte das elites bahianas são oriundas da exploração de trabalho em engenhos de açúcar, principalmente na região do recôncavo bahiano. Lembra que são uma multidão de trabalhadores plantando e colhendo por salários muito baixos em prol de um grupo de senhores que enriqueceram à custa do trabalho precarizado das pessoas. A crítica que Galbraith faz da Bahia é justamente esta, ele exclui o Havaí como única exceção de locais em que foi cultivado cana de açúcar sem deixar um legado de pobreza e descontentamento social. Logo, ele inclui a Bahia nesta lista, pois, deve ter percebido grande discrepância social em Salvador, em que uma capital antiga, sendo a primeira capital do Brasil, abriga toda uma carga histórica que denuncia séculos de exploração colonial, resultando em uma cidade que mescla prédios históricos, áreas ricas e muitas regiões periféricas onde os descendentes dos trabalhadores de cana viviam. Com exceção de Brasília, em 1980 todas as cidades que Galbraith visitou denunciavam as desigualdades sociais que o Brasil enfrenta e não conseguia esconder sob a retórica cansativa do desenvolvimento econômico que o país passava nos últimos anos, mas que na prática não se observava com cidades crescendo descoordenadamente e sem estrutura para suportar. O erro estava na iniciativa privada ou no governo que não intervencia o bastante para corrigir estes problemas?

Na última parte que selecionamos, já na conclusão do seu diário de viagem pelo Brasil, Galbraith fala um pouco sobre estas relações entre iniciativa privada e o governo, que é inclusive uma de suas preocupações acadêmicas:

O Brasil certamente não é nenhum triunfo da iniciativa privada. Entretanto, no Sul, e principalmente em São Paulo, a atividade governamental foi o polo e o arcabouço de um vigoroso desenvolvimento privado proveniente de empresas locais e multinacionais. [...] Sobretudo, porém, o desenvolvimento precisa ser atribuído ao já mencionado de trabalhadores ansiosos e dispostos, recém saídos das privações ainda maiores das fazendas – notadamente no nordeste – que permanecem ávidos por qualquer salário. O novo Brasil foi construído nas costas de trabalhadores recém chegados do interior. (GALBRAITH, 1988, p. 230).

Galbraith aponta que o Sul e São Paulo possuem certo desenvolvimento da iniciativa privada graças a atividade governamental, ou seja, o desenvolvimento brasileiro era em parte puxado pelo governo, mas aponta também para os trabalhadores, que segundo ele são ansiosos e dispostos. Trabalhadores que são resultado da emigração nordestina para o sul e de pessoas de áreas rurais que foram “tentar a sorte na cidade grande”, pois com a modernização das fazendas parte da mão de obra ficou ociosa e teve como alternativa mudar para a cidade que estava sendo impulsionada pelo setor de construção civil. Desta forma, para Galbraith o grande trunfo do desenvolvimento brasileiro estava no trabalho destes homens que fizeram com que as cidades crescessem. Junto com a iniciativa do governo para tentar impulsionar a iniciativa privada, que é o setor que parece menos contribuir para o crescimento econômico, mas é o que mais reivindica direitos à propriedade e obtenção de riquezas.

Conclusão

O diário de viagens de Galbraith ao Brasil no ano de 1980 denuncia as disparidades sociais existentes no país, principalmente quando o economista percebe os processos falhos de urbanização, com excesso de veículos nas ruas e a guetização do espaço urbano. Estas características são percebidas nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. O aspecto homogêneo dos prédios nas grandes cidades brasileiras, principalmente em São Paulo e Brasília também chamou a atenção, mas não pela beleza, mas sim pela monotonia do cenário urbano, o qual ele comparou com uma plantação de aspargos. Ouro Preto parece ter sido a cidade que mais agradou o visitante, talvez porque foi o único local que ele foi a passeio, realizando seus compromissos acadêmicos na cidade de Belo Horizonte. Galbraith liga os pontos dos problemas urbanos com a questão do desenvolvimento econômico desigual brasileiro, pois, o problema de concentração de riquezas faz com que disparidades sejam refletidas nas paisagens urbanas. Desta forma, o economista não se distancia do seu olhar teórico em que problematiza as questões referentes ao papel do governo e da iniciativa privada nos processos de desenvolvimento econômico. A visão de Galbraith sobre as cidades do Brasil vai de encontro com a crítica que o autor tece sobre o capitalismo e as cidades na sua obra *A Era da Incerteza*:

Em dois outros pontos, as perspectivas são mais sombrias. Primeiro, há o fato de que o capitalismo funciona de forma excelente em proporcionar coisas – automóveis, embalagens descartáveis, drogas, remédios e bebidas alcoólicas – que criam problemas para a cidade. Mas é intrinsecamente incapaz de proporcionar as coisas que os moradores da cidade necessitam com maior urgência. O capitalismo nunca proporcionou, em parte alguma, boas residências a um custo módico. Desnecessário frisar que a habitação é um complemento importante de uma via urbana bem sucedida. O capitalismo também não propicia bons

serviços de saúde pública, e acontece que, quando as pessoas vivem aglomeradas com riscos consequentes para a saúde, tais serviços também são importantes. (GALBRAITH, 1984, p. 326).

A citação reforça que o olhar de Galbraith não é de um visitante comum, todo o seu conhecimento sobre a economia capitalista e suas reflexões teóricas demonstram o olhar acurado do intelectual ao reconhecer os problemas urbanos oriundos do capitalismo, dando destaque para a incapacidade do sistema de proporcionar serviços públicos de qualidade e moradias a custos populares. O referencial teórico da História Intelectual permitiu que fosse possível trazer o olhar de John Kenneth Galbraith a partir do seu diário de viagens para o debate historiográfico, servindo como base para pensarmos um intelectual engajado nas questões sociais e que não separa seu olhar sobre o mundo das suas reflexões teóricas.

Referências

- CUNHA, Maria Teresa. Territórios Abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tania Regina. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- DOSSE, François. *La Marcha de las Ideas: Historia de los intelectuales, Historia Intelectual*. Valência: Universitat de València, 2007.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Trad. Gilson César Cardoso deSouza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Uma Visão de Galbraith Sobre Pessoas, Políticos, Poder Militar e as Artes*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1988.
-
- _____. *A Era da Incerteza*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 6^a Ed, 1984.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2019.
- LECLERC, Gerard. *Sociologia dos Intelectuais*. Tradução: Paulo Neves. São Leopoldo: Editora UNISINOS. 2004
- NEDEL, Letícia; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *Intelectuais: trajetórias, mediações culturais e engajamentos*. Curitiba: CRV, 2019.
- RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da História Intelectual: Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas: Editora Papirus, 2002.
- ROIZ, Diogo da Silva (Org.). *A prática da História Intelectual e dos Intelectuais: Ideias, movimentos e ações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: RÉMOND, Renné.(Org.). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha. 2^aEd. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Sobre o Legado de John Kenneth Galbraith. *Revista de Economia Política*, vol.26, n°4, p.619-626, out/dez. 2006. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010131572006000400009&script=sci_arttext

WACQUANT, Loic. *As Prisões da Miséria*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Recebido em 29/06/20 aceito para publicação em 22/01/21.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhamento 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 48 – segundo semestre/2021

ISSN 2317-4021